



PIBID NA EDUCAÇÃO BÁSICA: OPORTUNIZANDO ESPAÇOS DE PARTILHA DE SABERES E CONSTRUÇÃO DE NOVOS OLHARES EM TORNO DA DOCÊNCIA.

Ana de Fátima Padilha Rodrigues (anadefatima27@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

A presente escrita é resultado da experiência vivida como professora de Ciências e Matemática de escola pública estadual do Ensino Fundamental, séries finais, com um grupo de pibidianos no contexto de minha sala de aula. O referido grupo de pibidianos é constituído por graduandos do curso de Licenciatura em Ciências Exatas da Universidade Federal de Rio Grande, do município de Santo Antônio da Patrulha – FURG/SAP.

Nesta perspectiva, o texto busca refletir sobre aspectos da experiência dialógica vivida pela professora/autora e o referido grupo de graduandos, em situações do cotidiano de sala de aula, partilhando¹ materiais, interlocuções teóricas e reflexões em torno da prática docente, assumindo-se como uma comunidade aprendente (COUSIN et al, 2015).

Consideramos importante que os professores de Ciências possam explorar, quem são e quem podem ser, participando de situações que propiciem uma leitura expandida do mundo, onde, se distanciando, possam perceber o óbvio, que contribui para o seu processo de constituição. Logo, explorar possibilidades, re-inventar o ser e nesse processo, reinventar o mundo. (Re)criando identidades experienciadas nas mais diversas trajetórias, concebendo diferentes futuros (COUSIN et al, 2015, p. 15).

O fazer docente é um processo de formação contínua. Dele fazem parte, além do domínio dos conteúdos curriculares, reflexões teóricas e, principalmente, momentos que promovam interações dialógicas entre os sujeitos/professores. A inserção dos alunos da graduação em Ciências Exatas no ambiente escolar, onde estes podem vivenciar a realidade da sala de aula, mediados por um professor mais experiente, agrega valor, tanto para sua formação, quanto para o fazer do(a) professor(a) titular.

Quando isso é oportunizado, as escolas se tornam espaçostempos de formação. Nos encontros dos pibidianos com o(a) professor(a) mais experiente, se efetivam as trocas de experiência com diversos níveis de conhecimento decorrentes, não somente das diferenças de formação e do tempo de docência, mas também da diversidade de demandas existentes no espaço da sala de aula.

Entendemos estas diferenças, como complementos e oportunidades de crescimento e enriquecimento docente mútuo. E o que propomos, é que saibamos valorizar essas diferenças de saberes, no sentido de que corroborem para o planejamento de ações pedagógicas, contribuindo para o ensino/aprendizagem nas aulas de Ciências e Matemática.

¹ Entendemos o *partilhar* diferentemente de compartilhar, de troca, uma vez que na partilha é necessário dar sem receber imediatamente (Albuquerque e Galiazzi, 2011).



Nesse viés, acreditamos na importância de experiências desta natureza para o processo formativo de professores em Ciências Exatas, seja nos cursos de graduação ou para a formação permanente dos docentes.

2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Para a realização deste relato, utilizamos os registros da experiência vivida pela professora/autora com pibidianos, graduandos do Curso de Licenciatura em Ciências Exatas da FURG / SAP, no período de outubro/2018 a dezembro/2019. Durante este período, o referido grupo desenvolveu no coletivo, com os alunos e a professora titular, o planejamento e a execução de atividades em Ciências e Matemática, com o objetivo de mobilizar os interesses dos alunos em torno dos conteúdos, constantes no plano de trabalho da professora/autora.

No período acima citado, partilhamos a construção de momentos de aprendizagens, nas referidas disciplinas, com alunos de 6º a 9º Anos, da E.E.E.F. Felisberto Luiz de Oliveira, localizada na localidade de Monjolo, em Santo Antônio da Patrulha – RS.

A fim de melhor entendimento, em torno das atividades vivenciadas no contexto da sala de aula, trago, neste momento do relato, algumas imagens que, certamente, irão imprimir à escrita maior significância, e reconhecimento aos autores das práticas.

Acompanhando os registros fotográficos das atividades/oficinas, procurei incluir comentários dos referidos graduandos às atividades desenvolvidas com os alunos. Acredito estar, assim, reconhecendo o envolvimento e a dedicação destes com o trabalho coletivo realizado.



Fig. 01: Atividade de Matemática “O Jogo das Operações”, envolvendo o conteúdo das operações em \mathbb{N} , turma do 6º Ano. Responsável pela atividade: Pibidiana Aline Machado Campello, em novembro/2018.



Fig. 02: Atividade mobilizadora de interesses para o projeto da horta escolar, para desenvolvimento de práticas envolvendo conteúdos de Química, organizada pelas pibidianas Juliane Buhler e Kalina Tavares, em novembro/2018). Fonte: arquivo da autora.



Figura 03: Atividade de coleta de amostra de solo, da horta escolar (para posterior análise), pelos alunos do 9º Ano, organizada pelas pibidianas Juliane Buhler e Kalina Tavares, em abril/2019. Fonte: disponível em <http://www.moodle.sead.furg.br/mod/forum/discuss.php?d=67109>



Figura 04: Atividade para introdução ao conteúdo de PH - ácidos e bases, proposta pelas pibidianas Juliane Buhler e Kalina Tavares, com os alunos do 9º Ano.
Fonte: disponível em <http://www.moodle.sead.furg.br/mod/forum/discuss.php?d=67111>

Para o experimento "Indicador ácido-base, a partir do extrato de repolho roxo", utilizamos 10 substâncias do cotidiano dos alunos ; como por exemplo sabão em pó, vinagre, limão, leite (Buhler, Juliane e Tavares, Kalina).



Figura 05: Visita dos alunos do 9º Ano ao Campus FURG Bom Princípio, organizada pelas pibidianas Juliane Buhler e Kalina Tavares, em maio/2019.

Fonte: disponível em <http://www.moodle.sead.furg.br/mod/forum/discuss.php?d=67111>

Registros de um momento especial: visita dos alunos da turma do 9º ano da Escola Felisberto ao Campus da Furg. Os alunos conheceram o campus , suas instalações e tiveram um momento muito importante de interação e aprendizagem no laboratório de solos do Prof. Carlos Peixoto(Tavares, Kalina).



Figura 06: Oficina de Cinemática. Alunos do 9º Ano, realizando o experimento Lançamento horizontal, proposto pelos graduandos Felipe Borges e Gustavo Barbosa Bopsin. (novembro/2019). Fonte: disponível em <http://www.moodle.sead.furg.br/mod/forum/discuss.php?d=69853>



Figura 07: Oficina de Cinemática, organizada pelos pibidianos Felipe Borges e Gustavo Barbosa Bopsin, com os alunos do 9º Ano. (novembro/2019). Fonte: disponível em <http://www.moodle.sead.furg.br/mod/forum/discuss.php?d=69853>

O experimento consiste em soltar uma bolinha de metal (pesada) em uma rampa curva. No primeiro momento, os alunos calcularam a velocidade que a bolinha saía da rampa e o alcance horizontal da mesma. Em um segundo momento, os alunos realizaram o experimento, medindo 5 distâncias horizontais. Eles realizaram uma média destas 5 medidas e depois compararam com o resultado teórico. Ao final da oficina (terceiro momento), nós discutimos os possíveis motivos que causaram a diferença entre os resultados teórico e experimental (Bopsin, Gustavo Barbosa e Borges, Felipe).





Figura 08: Oficina de Física, com os alunos do 9º Ano, sobre unidades de medidas, organizada pelos pibidianos Gustavo Bopsin e Felipe Borges, em novembro/2019. Fonte: disponível em

<http://www.moodle.sead.furg.br/mod/forum/discuss.php?d=70041>

No dia 25 de novembro de 2019, eu e o Felipe aplicamos uma oficina de unidades de medida com os alunos do 9º ano da Escola Felisberto Luiz de Oliveira. Esta oficina foi dividida em dois momentos. O primeiro foi uma apresentação do que eram unidades de medida, sua importância na Ciência, uma revisão sobre velocidade média e aceleração média. O segundo momento foi a aplicação de uma lista de 5 exercícios objetivos. Estes exercícios tinham 4 alternativas cada. Os alunos deveriam resolver a questão e raspar, no local indicado, qual das alternativas era a correta. O grupo que tivesse menos alternativas raspadas ganhava (uma vez que menos alternativas raspadas indicam menos chutes) (Bopsin, Gustavo Barbosa).

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Ao olharmos para o cenário da sala de aula da escola pública, nos deparamos com uma infinidade de demandas, uma mais complexa que a outra. As carências não se restringem somente aos recursos de materiais didáticos/pedagógicos, mas também de espaços para a formação docente, torando o ensinar um desafio diário que pode desgastar o ânimo até do educador mais otimista.

Neste contexto, é inspirador e encorajador poder contar com a parceira de jovens futuros professores. A parceira com o grupo de pibidianos, inspirados por leituras recentes dos teóricos e por práticas inovadoras decorrentes de conhecimentos produzidos no âmbito da universidade, possibilita ao professor mais experiente, refletir sobre suas práticas de sala de aula, ao mesmo tempo em que partilha com os mesmos seus saberes de experiência. De acordo com Larossa (2002), a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

À medida que se aprofundam as interações entre os sujeitos desta comunidade aprendente, percebe-se que se intensificam ações no contexto da sala de aula envolvendo os alunos em jogos pedagógicos, oficinas e atividades investigativas, criando um ambiente colaborativo de aprendizagens significativas.

Neste momento da escrita, consideramos relevante refletirmos sobre a importância das ações pedagógicas, acima citadas, para o ensino e aprendizagem de Ciências e Matemática, dados os ganhos conceituais, procedimentais e atitudinais proporcionados.

É legítimo destacar que a inserção dos pibidianos no contexto da Educação Básica, possibilita a troca de saberes e de experiências entre os diferentes níveis educacionais envolvidos, promovendo mudanças educacionais significativas.

Outro efeito relevante, da participação dos pibidianos na sala de aula, diz respeito a sua contribuição no sentido da formação permanente do professor em exercício. Os diálogos constantes em torno das demandas de sala de aula, e para o planejamento de atividades diferenciadas, levam o professor supervisor a refletir sobre a educação, incentivando-o a novas leituras, a buscar atualização.

Assim, são criados espaços e tempos para que professores em formação e professores em exercício, permeados pelo diálogo em torno das demandas da sala de aula, qualifiquem a prática docente.

Entretanto, para que tudo isso seja possível, significamos ser essencial que a escola esteja aberta, constituindo um ambiente de acolhimento à diversidade, ao



compartilhamento de ideias, e à colaboração, para que seus professores possam vivenciar a experiência da proposta de coconstrução² da prática docente do PIBID³.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta escrita, buscamos refletir sobre a experiência vivida pela professora/autora, com o grupo de graduandos pibidianos em sua sala de aula, e de como a partir das interações destes entre si e com os alunos, constituíram uma comunidade de aprendizagens.

O que acreditamos é no trabalhar juntos. Propondo, ouvindo, partilhando práticas e saberes, onde todos sintam-se corresponsáveis pela construção do espaço do conhecimento, onde não haja hierarquização dos saberes, pois concordamos com a afirmação de Paulo Freire (1987, p.68): "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes".

Aproveito a ocasião deste relato, para destacar o quanto significou para minha prática docente a parceria, o pensar minha sala de aula no coletivo com os licenciandos do PIBID. Foram momentos de intenso compartilhamento e troca de ideias, que me oportunizaram crescer, ampliar a visão sobre minha própria docência, repensar a relação da professora com o saber, em reconhecer que todos os sujeitos trazem para o ambiente da sala de aula suas vivências, e que todos têm igual capacidade de ensinar e aprender.

Nesta perspectiva, entendemos a participação dos pibidianos em nossas salas de aula como oportunidade de construção de contextos coletivos de aprendizagens. Desta forma, constrói-se o espaço no âmbito escolar para realizar um trabalho alicerçado na partilha e na aproximação entre o mais experiente e aquele que partilha novas ideias pedagógicas, de releituras, onde todos são envolvidos no processo de formação permanente da docência.

Aos poucos, sem que os sujeitos percebam, as interações vão assumindo novos significados de encontros, de afetos. Nas palavras do mestre:

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens educam-se entre si, mediados pelo mundo" (FREIRE, 1987, p. 34).

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de; GALIAZZI, Maria do Carmo. A formação do professor em Rodas de Formação. **Estudos RBP**, Brasília, v. 92, n. 231, p. 386-398, maio/ago. 2011. Disponível em:

<http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4526/A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20professor%20em%20Rodas%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1>

Acesso em: 1º jul. 2019.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413 2478.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 1º jul. 2019.

² Entendemos coconstrução como a construção de forma colaborativa/cooperativa entre os sujeitos envolvidos na ação.

³ PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.



XVI Encontro sobre Investigação na Escola:

em defesa da escola, da ciência e da democracia

29 e 30 de maio de 2020



COUSIN, Claudia da; Freitas, Diana Paula Salomão de; GALIAZZI, Maria do Carmo. Das Comunidades de Prática, Comunidades de Aprendizagem para Comunidades Aprendentes: uma aposta na formação continuada de professores de Ciências. **IV Enpec – Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências**. Florianópolis, 2000. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienpec/pdfs/1453.pdf> Acesso em: 1º jul. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.